



Deixaria de ser uma inconveniência, mas já não penso nisso.

Dezoito anos.

Aos quinze, agora vejo, muito jovem, aquele que apanhei meses depois quando estava à beira mar, teve esse rosto premonitório de vida e álcool. O álcool dessa meia-idade tinha também a função de Deus, do Deus que não veio. Antes do álcool preferia matar e matar o rosto.

Tal, soube-o como os outros, mas como era curioso e tinha 15 anos, ficava no lugar do prazer.

Esse rosto via-se, o rosto do prazer, e eu não o conhecia ao vê-lo.

Os meus irmãos sim. Mesmo a minha mãe. Dessa maneira viam-no claramente melhor. Eu não.

Tudo começou, para mim, naquele ano, com os olhos pisados ou adiantados. Um rosto clarividente, mas extenuado do tempo e dos factos.

Iluminados, eu e ele. Mesmo a minha mãe e os meus irmãos.

Vida e álcool, antes do Deus que não veio.

Aqui falo dos períodos claros, daqueles em que estávamos na juventude, mas houve certos períodos ocultos dos factos.

Foi por isso que comecei a escrever sentimentos sobre acontecimentos.

Escrever segundo eles era um meio que me impelia ao pudor, se ia muitas vezes na moral.

Escrever a partir do momento, para mim, não é nada. Nada. Gostei mais de escrever sentimentos sobre acontecimentos.

Por vezes até sei isto: escrever não é todas as coisas confundidas no vento por essência. Escrever não é publicidade. Por vezes nem tenho opinião, mas escrever não me deixa ficar muda como o pudor da cabeça deles.

18 anos.

Só passaram 3 e já pareço uma velha a falar dele, dos meus irmãos, da minha mãe e da escrita.

Acho que a vida e o álcool deixam o tempo mais longo. Há muitas coisas que acontecem.

Foi por isso que comecei a escrever sentimentos sobre acontecimentos.

Dezoito anos.

...

*Página 13 d'O amante da Marguerite Duras cortada em 4, reconfigurada na ordem das folhas e da minha cabeça.*

Catarina Fernandes

Cata.Estrofe